



A MULHER E A CORPORALIDADE EM CAROLINA MARIA DE JESUS

WOMAN AND BODY IN CAROLINA MARIA DE JESUS

Margareth Maura dos Santos¹

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo invadir o Quarto de Despejo de Carolina Maria de Jesus e evidenciar a importância do gênero feminino na década de 60 e a representação do corpo descrita nesta obra marcada pela miséria e a exclusão, mas rica em detalhes e conhecimento demonstrados pela autora. O estudo se justifica pela significância de interação entre história, literatura, sociologia e gênero, e tende a despir toda a imagem estereotipada da mulher periférica num Brasil que vivenciava momentos conflitantes na política e na vida social. A metodologia aplicada foi a bibliográfica, tendo como embasamento teórico Bauman (2005), Hall (2006), Pinsky (2012), Souza (2004) entre outros estudiosos. Por fim, os resultados percebidos foram que na obra literária autobiográfica de Carolina, há a exposição de um grupo social que esteve invisibilizado, vivendo à margem de nossa sociedade, sofrendo por exclusões sociais, econômicas. E a autora evidencia a utilização do corpo como forma de manifestação contra as violências sofridas por mulheres negras, pobres, além das pessoas em situação periférica.

PALAVRAS-CHAVE: Feminino. Corpo. Identidade.

ABSTRACT

This work aims to invade the Eviction Room of Carolina Maria de Jesus and highlight the importance of the female gender in the 60's and the representation of the body described in this work marked by misery and exclusion, but rich in detail and knowledge demonstrated by the author. The study is justified by the significance of interaction between history, literature, sociology and gender, and tends to undress the entire stereotyped image of peripheral women in Brazil who experienced conflicting moments in politics and social life. The method applied was the bibliographic, based on the theoretical ideas Bauman (2005), Hall (2006), Pinsky (2012), Souza (2004) among other scholars. Finally, the perceived results were that in Carolina's autobiographical literary work, there is the exhibition of a social group that was invisible, living on the margins of our society, suffering from social and economic exclusions. And the author evidences the use of the body as a form of manifestation against violence suffered by black women, poor, in addition to people in peripheral situation.

KEYWORDS: Female. Body. Identity.

¹ Mestra em Letras e Ciências Humanas pela Universidade do Grande Rio (Unigranrio). Especialista em As Áfricas e suas Diásporas pela Universidade Federal de São Paulo. Graduada em Letras pelo Centro Universitário Academia (UniAcademia).



1. INTRODUÇÃO

Em 2014, celebramos o centenário de Carolina Maria de Jesus, e diversas instituições culturais e educacionais comemoraram essa data com exibição de documentários e palestras sobre a autora e suas obras. Assim como o Instituto Moreira Salles do Rio de Janeiro, que no mês de março do ano do centenário, durante o evento de comemoração, exibiu o documentário *Favela: a vida na pobreza* (*Favela – Das Leben in Armut*), o qual era inédito no Brasil.

A partir do início do século XXI, alguns pesquisadores passaram a dar voz a esta autora esquecida por alguns estudiosos, mas lembrada por acadêmicos e escritores negros que visam a exaltar e divulgar suas obras na área da literatura.

Embora sua obra “Quarto de Despejo” tenha causado um estrondoso sucesso na década de 60, por escancarar a verdade sobre os favelados do Canindé, no Pari, em São Paulo, muitos críticos não a consideraram de cunho literário, alguns diziam que seria uma obra social, por não estar alinhada aos paradigmas do cânone. Contudo, mesmo que existam estas críticas, a autora descreve claramente as personagens, principalmente, as femininas, quanto à exposição corporal e à submissão ao sexo, ao invés de trabalharem e as mais novas buscarem na educação, um futuro melhor. Esses aspectos também perpassam muitas obras literárias escritas por mulheres, mas por muitas serem brancas e oriundas da classe média ou alta, são recebidas pela academia e o mundo editorial de uma outra maneira.

Nessas duas questões, no corpo e na pobreza, encontramos embasamento nos estudos de Melo (2005) e Soihet (2012) para coadunarem com a narrativa de Carolina.

Outra questão significativa tratada nesta obra, é a sobre o gênero feminino, uma vez que a autora-personagem relata suas angústias e dores diante da sociedade totalmente machista daquela época, no grande centro de São Paulo. Há uma gama de fatores atrelados a este, como a ausência de uma formação escolar, o pouco convívio com a mãe já falecida, e ainda o abandono dos pais dos filhos de Carolina. Todas essas ausências fizeram com que ela buscasse o conhecimento cultural no lixo e no rádio, assim como, tivesse a preocupação em dar uma boa educação para os filhos e sua participação maternal.

A autora sempre lutou contra todas as adversidades apresentadas em sua vida. Com autonomia, desafiava os homens que tentavam submetê-la a papéis desagradáveis, manteve-se firme, forte e honesta em todas as situações. Por isso, objetiva-se evidenciar neste estudo, a importância do gênero feminino, retratados nesta obra de Carolina, e da própria autora na década de 60, representando um grupo marginalizado e invisibilizado.



Segundo Cavalcante (2012, p. 87) “a representação, por sua vez, é uma construção, um ponto de vista elaborado por um determinado indivíduo, ou grupo, que demonstra como em um determinado contexto, a identidade social de outro grupo ou indivíduo é percebida, dada a ver.” Diante da construção de uma identidade distinta do meio em que Carolina pertencia, ela tinha um ideal em publicar as páginas de seu diário e se mudar do “quarto de despejo”.

E estas reflexões que aqui serão apresentadas se justificam pela significância de interação entre história, literatura, sociologia e gênero, e tendem a despir toda a imagem estereotipada da mulher periférica num Brasil que vivenciava momentos conflitantes na política e na vida social. Daí, ater-se nas afirmações de Sousa (2007, p.4) em que “Carolina queria confirmar sua independência: ‘não quero ser teleguiada’”.

Portanto, a autora queria conquistar sua independência como escritora e ser humano. E este trabalho visa refletir sobre a personagem principal, Carolina Maria, e todas as outras que desfilam em seu Quarto de Despejo, as quais apresentam papéis marcantes numa sociedade da década de 60, em que o país tentava excluir os sujeitos e, também, sobre as situações excludentes de um cenário omitido até a porta deste “quarto” ser aberta.

2. A AUTORA E A IDENTIDADE FEMININA

Por meio de seu diário, a autora Carolina Maria de Jesus fez-se representar a maioria do povo brasileiro, o favelado e o marginalizado nas décadas de 50 a 60, propiciou a visibilidade e pode “botar a boca no mundo” para revelar uma população esquecida pela sociedade paulistana e brasileira. Ela se valeu da narrativa autobiográfica em que autenticava seu texto escrito em primeira pessoa, além de escancarar a individualidade dos moradores da favela e representar uma coletividade miserável e excluída nas maiores cidades de nosso país.

Carolina nasceu em Minas Gerais no ano de 1914, estudou até o segundo ano primário, financiado pela patroa de sua mãe. Após o falecimento da mãe, mudou-se para São Paulo, onde iniciou o trabalho como doméstica e, posteriormente, como catadora de papel. Viveu na favela do Canindé, no Pari, uma das maiores da cidade metropolitana, com seus três filhos, Vera Eunice, João e José Carlos. A luta pela sobrevivência era tamanha, assim como a responsabilidade em educar e idealizar um futuro melhor para seus filhos.

No fragmento do livro: “Tenho responsabilidade. Os meus filhos! E o dinheiro gasto em cerveja faz falta para o essencial. O que eu reprovos nas favelas são os pais que mandam os filhos comprar pinga e dá as crianças para beber” (JESUS, 1995, p. 18), torna-se evidente a conscientização que Carolina tinha diante do cuidado com os filhos, e ainda o problema do



alcooolismo na infância, em que muitos pais sem refletir sobre a gravidade desta doença, direcionam os seus para terem contato com a bebida alcoólica.

Apesar das adversidades da vida miserável estampada na favela e descritas por Carolina, a autora evidencia em seu diário, algumas passagens sobre seus filhos se dirigindo à escola. “O José Carlos não quer ir na escola porque está fazendo frio e ele não tem sapato. Mas hoje é dia de exame, ele foi. Eu fiquei com medo porque o frio está congelando. Mas o que hei de fazer?” (JESUS, 1995, p. 59).

Em diversas passagens do livro, veremos que a escritora demonstra uma preocupação com a educação dos filhos, embora haja uma vastidão de dificuldades apregoadas nesta família, como em muitas no país.

No decorrer da narrativa de Carolina, há a demonstração de autoridade e ao mesmo tempo de repreensão quando ela se dirige aos moradores da favela, ameaçando inseri-los em seu livro. Muitos reclamavam e outros até duvidavam da existência dele.

(...) Eu estava escrevendo. Ela perguntou-me:
- Dona Carolina, eu estou neste livro? Deixa eu ver!
- Não. Quem vai ler isto é o senhor Audálio Dantas, que vai publicá-lo.
- E porque é que eu estou nisto?
- Você está aqui por que naquele dia que o Armim brigou com você e começou a bater-te, você saiu correndo nua para a rua.
- Ela não gostou e disse-me:
- O que é que a senhora ganha com isto?
... Resolvi entrar para dentro de casa. (...) (JESUS, 1995, p. 126).

Neste caso, o livro seria não somente para Carolina, mas para muitos como o porta-voz da denúncia da pobreza, da miséria, da fome, da segregação, do racismo, do machismo e da violência contra a mulher. São temáticas cujas discussões possuíam pouca visibilidade para a época, sendo que estes problemas persistem até a atualidade.

Ao decidir iniciar sua autobiografia e abrir a porta do Quarto de Despejo, Carolina revela-se uma escritora inimaginável de seu tempo, uma vez que mescla em sua obra literária aspectos antropológicos, sociológicos, históricos e literários, evidencia a toda a sociedade intelectual da época um novo modo de fazer literatura.

Segundo Telles (2012, p. 409) “a conquista do território da escrita, da carreira de letras, foi longa e difícil para as mulheres no Brasil. Tanto que, até hoje, ouvimos Hilda Hilst, escritora brasileira contemporânea, afirmar que a atividade de escrever requer muito esforço.”

O longo e difícil caminho, e ainda, o esforço do ato de escrever foram notoriamente exibidos por Carolina em sua obra, venceu preconceitos, idealizou a cada dia a publicação de seu livro para conquistar um espaço na sociedade brasileira. Além de sempre explicitar em sua



narrativa o prazer em ler e, principalmente, em escrever após um dia árduo de trabalho ou até mesmo, conviver com a fome de comida, pois de letras e idealizações, a autora vivia em abundante e farto estoque e contentamento.

Aproveitei a minha calma interior para eu ler. Peguei uma revista e sentei no capim, recebendo os raios solar para aquecer-me. Li um conto. (JESUS, 1995, p. 10).
(...) Li um pouco. Não sei dormir sem ler. Gosto de manusear um livro. O livro é a melhor invenção do homem. (JESUS, 1995, p. 22).
“Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. (...) é preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela.” (JESUS, 1995, p. 52).

Mesmo considerando a leitura e a escrita como fonte de conhecimento, há nesta passagem um outro aspecto, a fuga da realidade, sair daquela miséria e dos momentos em que muitos veem a morte como algo a solucionar o problema da fome. Podemos verificar que em alguns momentos, Carolina sonha com um castelo, o conforto, a idealização por sua casa de alvenaria, num lugar sossegado.

Ainda vemos as reflexões em torno do descontentamento, e um lampejo em solucionar essa condição por via do suicídio, situação que o Estado acaba impondo à maioria da população, por meio da desigualdade social. Mas ao mesmo tempo, em sua fala, a autora traz que não devemos “alimentar a ideia do suicídio”, assim como, a força para não desanimar em viver esta vida como dizia Graciliano Ramos, esta “vida severina”, uma vida árdua, repleta de muitas lutas pela sobrevivência.

A autora favelada conseguiu o instantâneo êxito no âmbito literário quando foi revelada pelo jornalista Audálio Dantas, na época, repórter da revista “O Cruzeiro”. O encontro entre o jornalista e a autora se deu ocasionalmente em São Paulo, quando a escritora dispersava meninos de rua, os quais tentavam roubar os equipamentos de Dantas, e Carolina ameaçava-os de incluí-los em seu livro. Daí a indagação e o interesse em obter maiores informações sobre a natureza do texto que a escritora produzia.

Na obra da escritora há diversos pontos em que um emaranhado de identidades ganha representatividade, como a exposição da *identidade da subclasse*, definida por Bauman (2005, p.45) como “a ausência de identidade, a abolição ou negação da individualidade, do rosto, - esse objeto do dever ético e da preocupação moral. Você é excluído do espaço social em que as identidades são buscadas, escolhidas, construídas, avaliadas, confirmadas ou refutadas.”

Esse tipo de identidade é exposto diversas vezes na obra quando Carolina descreve alguma personagem moradora da favela, em que há o transbordamento de seres sem objeções



quanto às exposições sexuais, corporais, ou seja, são sujeitos afastados de uma sociedade arquitetada, organizada e imersa em diversos favorecimentos culturais, econômicos e políticos.

Pensei na vida atribulada que eu levo. Cato papel, lavo roupa para dois jovens, permaneço na rua o dia todo. E estou sempre em falta.
Eu estou revoltada com o que as crianças presenciam. Ouvem palavras de baixo calão.
Oh! Se eu pudesse mudar daqui para um núcleo mais decente. (JESUS, 1995, p. 9-10).

Nesse fragmento, Carolina demonstra a preocupação de mãe, de trabalhadora e chefe de família, mesmo diante de tantos afazeres e de tanto trabalho ainda permanece sem condições financeiras em arcar com as despesas básicas da casa, como alimentação e vestuário. É interessante ressaltar que nesta época, década de 60, havia uma mobilidade forte do movimento feminista no Brasil, quanto ao princípio de luta contra opressões ocorridas no âmbito privado das mulheres. Porém, as pautas sociais quanto às mulheres negras, as violências sexuais e até mesmo, a questão da pobreza, surgiram com mais precisão a partir da década de 70, mediante a participação do Movimento Negro e de outros grupos coletivos.

Para reforçar a questão identitária na obra, há os momentos em que Carolina porta várias identidades, em que as despe em quaisquer circunstâncias. Como ao se desesperar pela situação de fome dos filhos e pensar no suicídio. Ou o desejo em se mudar para uma casa de alvenaria e em outro lugar distante do Canindé. E até ser advogada dos vizinhos, dos quais assume o compromisso em solicitar a polícia para apartar as brigas.

Quero ver como é que eu vou morrer. Ninguém deve alimentar a ideia de suicídio. Mas hoje em dia os que vivem até chegar a hora da morte, é um herói. Porque quem não é forte desanima. (JESUS, 1995, p. 55).
Levantei nervosa. Com vontade de morrer. Já que os pobres estão mal colocados, para que viver? (JESUS, 1995, p. 29).
(...) Estou residindo na favela. Mas se Deus me ajudar hei de mudar daqui. (JESUS, 1995, p. 17).
Custei dormir. Eu fiquei cansada de tanto correr para ir chamar a Radio Patrulha. (JESUS, 1995, p. 86).

Essas mudanças identitárias de Carolina podem ser enquadradas na concepção de Hall quanto à identidade do sujeito sociológico. De acordo com o autor, o sujeito sociológico não é totalmente autônomo e autossuficiente, depende da influência do contexto social em que vive e de outras pessoas para formar outra identidade.

Conforme Hall (2006, p. 11), a identidade sociológica parte do pressuposto de que

Preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” – entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os ‘parte de nós’ contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares



objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, ‘sutura’) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis.

Se observarmos a autora, há situações em que ela ocupava o espaço exterior de modo incisivo repreendendo os moradores do Quarto do Despejo, se envolvendo nas ocorrências entre eles. Há momentos que seu interior, por almejar a publicação de seu livro, deseja partir para outro lugar devida à miséria. Há outros, que a escritora nos surpreende ao ouvir valsa vienense, ler clássicos da literatura da época ou discutir sobre política e História Geral. Deixa evidente que nem todas as pessoas que vivem na pobreza não são apreciadores das artes, e eles também, podem produzi-la.

Todas essas oscilações identitárias explicitam a atuação de Carolina numa época política em transição com problemas econômicos e sociais extremamente sérios, os quais no futuro acarretariam o golpe militar de 1964 no país. Momentos de mudanças que marcaram as representações de gênero e destacaram a atuação da mulher no campo de resistência em diversos segmentos no Brasil.

3. A IMPORTÂNCIA DO GÊNERO FEMININO NA DÉCADA DE 60

No fim da década de 50 e a de 60, as mulheres foram ampliando seu espaço em diversas áreas da sociedade, romperam algumas barreiras masculinas impostas neste período. Ainda eram marcadamente visíveis as diferenças sociais e, principalmente, as taxações impostas por uma sociedade excludente entre mulheres honestas ou não para o casamento, como muitas mulheres negras eram tratadas como objetos sexuais, por estigmas. Este pensamento surgiu no período escravocrata e se intensificou com o caso da Vênus Hotentote.

Pinsky (2012, p. 608) menciona claramente este período no trato dado a mulher

as distinções entre os papéis femininos e masculinos, entretanto, continuaram nítidas; a moral sexual diferenciada permanecia forte e o trabalho da mulher, ainda que cada vez mais comum, era cercado de preconceitos e visto como subsidiário ao trabalho do homem, o “chefe da casa”.

E em o Quarto de Despejo, Carolina explora esses aspectos com nitidez e às vezes até repulsa quanto à mediocridade de certos segmentos da sociedade. Como a quantidade de filhos dos favelados, a mulher solteira e mãe, a posição da igreja e até mesmo os políticos com outros interesses para favorecimento próprio. Os maridos ainda impregnados pelo machismo tendo reações autoritárias e até violentas com relação às suas companheiras. “Enquanto os esposos



quebra as tabuas do barracão eu e meus filhos dormimos socegados. Não invejo as mulheres casadas da favela que levam vida de escravas indianas.” (JESUS, 1995, p. 14).

É interessante a analogia que Carolina faz entre as mulheres casadas da favela e as mulheres indianas, que são tratadas como escravas dos lares, propensas ao casamento para servirem aos seus maridos, sem quaisquer objeções que possam vir a fazer, muitas são maltratadas e violentadas, além de suportarem a traição.

Desde a infância, Carolina já tecia comentários sobre a diferença entre homens e mulheres, com o desejo de ter nascido do gênero masculino.

...Quando eu era menina o meu sonho era ser homem para defender o Brasil porque eu lia a Historia do Brasil e ficava sabendo que existia guerra. Só lia os nomes masculinos como defensor da pátria. Então eu dizia para a minha mãe:
- Porque a senhora não faz eu virar homem? (JESUS, 1995, p. 26).

Este ponto que Carolina nos traz para reflexão é muito importante, porque ainda vemos a figura do gênero masculino e do branco em posição de privilégio, de destaque tanto na História quanto em nossa sociedade. De acordo com Fortuna (2016, p. 34), a escritora percebia que a “diferença dos corpos dos homens para dos das mulheres não era apenas física. Para ela, estava claro que eles tinham mais privilégios. Também era evidente que o fato de ser negra também seria um empecilho em sua vida.”

Outro ponto adverso entre a sociedade considerada de classe média e a dos favelados estava no papel da mulher mãe, esposa e dona do lar. Ao contrário das mulheres oriundas do Quarto de Despejo que eram obrigadas a trabalharem e sustentarem os filhos ou ajudarem na complementação de renda do marido.

Esta observação é exemplificada pela personagem principal, mãe solteira e chefe de família, catadora de papel e outros componentes como ferro. Todos os dias a escritora procurava obter dinheiro para comprar algum alimento para seus filhos, sem dar-se ao luxo de comprar uma roupa ou um acessório para si mesma.

Ainda sobre a posição da mulher no campo do trabalho, a profissão idealizada por muitas mulheres era o magistério, o qual distinguia homens e mulheres na época. Conforme Pinsky (2012, p. 625), “o magistério era o curso mais procurado pelas moças, o que não significava sequer que todas as estudantes fossem exercer a profissão ao se formarem, pois as muitas contentavam-se com o prestígio do diploma e a chamada “cultura geral” adquirida na escola normal.”



A questão do diploma e posição social era sonhada pela mãe de Carolina, mas não foi realizada devido à sua morte. “Eu nada tenho que dizer da minha saudosa mãe. Ela era muito boa. Queria que eu estudasse para professora. Foi as contingências da vida que lhe impossibilitou concretizar o seu sonho.” (JESUS, 1995, p. 43).

É bom salientar que não somente as “contingências da vida”, como Carolina tem denunciado em toda a sua obra, mas todo um cenário social e político que envolve uma série de fatores que estavam ali à mostra ou não em nossa sociedade, e que não se ganhava o contorno que a escritora trazia para as críticas a serem analisadas para que houvesse resoluções, como a educação. Nesta época, muitas das pessoas pobres, negras, periféricas não tinham acesso à escola, até porque não havia muitas instituições de ensino público, as existentes reproduziam o sistema educacional europeu, em que se manifestava o preconceito racial, de modo que o negro era impedido de frequentar vários ambientes ditos para os brancos. No início de Quarto de Despejo, quando Carolina relata sobre a escola, há a menção sobre algumas falas da professora quanto ao ser negro e ao ser branco, caracterizando a distinção, e descrevendo a suposta superioridade de uma raça sobre a outra.

Somente a partir da Constituição de 1988, que no Brasil as escolas públicas ganharam um novo contorno e ampliação, fazendo com que muitas pessoas negras e pobres tivessem acesso ao ensino gratuito.

Apesar de não ter obtido o diploma, Carolina sempre procurou embasamento cultural por meio de livros, revistas e jornais que adquiria do lixo. Além de ouvir rádio algumas noites e aguçar seu ouvido com músicas clássicas. Percebe-se que a escritora tinha um grande interesse e potencial intelectual, porém não teve a oportunidade de aquisição de um documento que oficializasse tais conhecimentos.

O Quarto de Despejo veio à tona para chocar uma sociedade que não tornava público os sujeitos esquecidos num país ainda marcado por um social idealizado e repleto de costumes tradicionais. Diante disso, a imprensa como revistas publicavam um mundo irreal para a população miserável e pobre. Conforme Cavalcanti (2012, p. 93) “as revistas femininas sempre se caracterizaram por uma linha diversional, um jornalismo de serviço, muito mais voltado para os temas tradicionais, ligados ao “eterno feminino”.”

Assim, as revistas abordavam as representações femininas em duas vertentes, a tradicional, a mulher virtuosa esposa e mãe, e a outra, a mulher progressista, que enfatizava a educação e a cultura.

Percebe-se que Carolina enquadra-se na segunda vertente, embora catadora de papel, favelada, negra e miserável, o que a sociedade da época e os meios de comunicação como jornais



e revistas não tinham como personalidades para serem abordadas. A escritora sempre buscou o conhecimento e almejava que seus filhos estudassem e ainda incentivava a inserção cultural, mesmo que precária como ir ao cinema improvisado pela igreja.

A autora demonstra satisfação ao tomar consciência quando seus filhos estavam alfabetizados e poderiam adentrar ao mundo da leitura, ao imaginário e até mesmo real e revelador. “... Eu estou contente com os meus filhos alfabetizados. Compreendem tudo.” (JESUS, 1995, p. 123).

Nesse viés, observou-se que as mulheres da favela eram personagens ainda omitidas na história de nosso país na década de 60. No entanto, Carolina de Jesus representa de modo determinado, autônomo e ainda dá voz e vez à diversas mulheres esquecidas, invisibilizadas e discriminadas por uma sociedade machista, elitista e conservadora da época.

4. REPRESENTAÇÃO DO CORPO: A POBREZA E O SEXO

Ao diferenciar a cidade de São Paulo, a escritora se utilizou de comparações objetivas: “O Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos.” (JESUS, 1995, p. 28).

Carolina vem traçando com o uso de figuras de linguagem como a metáfora, a analogia e a comparação, os dois cenários brasileiros, o que muitos desprezam, ignoram, ela o denomina acertadamente como o Quarto de Despejo, e o outro que muitos idealizam estar e que todos deveriam, os tais Palácios.

Em várias passagens do livro, Carolina menciona como é concebida a favela diante da sociedade paulistana como um chiqueiro ou o lixo humano da cidade. “E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo.” (JESUS, 1995, p. 33).

Certamente, para os governantes de São Paulo e do país, assim como a própria sociedade, as pessoas que viviam nas favelas eram consideradas indigentes ou o resto da parte vil, medíocre do social brasileiro.

No estudo de Melo (2007, p. 7) foi detectado que,

a instituição entende a pobreza como um fenômeno multidimensional, que associa subconsumo, desnutrição, condições precárias de vida, baixa escolaridade, inserção instável no mercado de trabalho e pouca participação política e social. A pobreza é o resultado de um processo social e econômico de exclusão social, cultural e política.



Essa afirmativa torna-se claramente denunciadora nas páginas do diário de Carolina, as condições sub-humanas pela qual a própria autora vivia e a ausência de participação ao mercado de trabalho formal. “Duro é o pão que nós comemos. Dura é a cama que dormimos. Dura é a vida do favelado.” (JESUS, 1995, p. 37).

Em muitas páginas diárias, há a descrição dos momentos de fome, a comida dada pelos comerciantes aos pobres, alimentos sem condições adequadas para o consumo, como pão ruído por ratos, carne em processo de putrefação.

Quando havia pouca comida na mesa, era momento de contentamento e felicidade. “Os meninos tomaram café e foram a aula. Eles estão alegres porque hoje teve café. Só quem passa fome é que dá valor a comida.” (JESUS, 1995, p. 48).

Outro fato a ser tratado é a ausência de autoestima, do cuidado, da vaidade de Carolina, ocasionada pelas amarguras da vida. “O dia que chove eu sou mendiga. Já ando mesmo trapuda e suja. Já uso o uniforme dos indigentes.” (JESUS, 1995, p. 55).

Soihet (2012, p. 385) postula que “as classes menos favorecidas foram as mais prejudicadas no projeto de modernização das cidades já no início do século XX. E nossos dias as famílias pobres continuam sobrevivendo em meio à miséria, muitas vezes sem a presença do pai.”

Carolina publicou seu livro na década de 60 e iniciou sua produção em 50, revelou-nos como eram os corredores do quarto de despejo, o depósito do “lixo” da sociedade, como era denominado pela escritora, e que diversas vezes ouviu de membros desse núcleo excludente e que ignoraram sujeitos em situações vulneráveis e calamitosas

Arelada à pobreza está a exposição do corpo, principalmente o feminino, de modo instintivo, vulgar e por vezes mercenário. O corpo no diário é revelado juntamente ao sexo, sem os adereços da sensualidade e do exótico.

Já faz tempo que a Meiry anda prometendo que vai bater na Nair. A Meiry é temida porque anda com gilete. E ela foi bater na Nair e apanhou. A Nair rasgou-lhe as roupas, deixando-lhe nua.” (JESUS, 1995, p. 64)

“A mulher de Policarpo saía e ele ficava com a prima. E um dia, a dona Maria ao chegar em casa, encontrou o Policarpo e a prima, na copola.” (JESUS, 1995, p. 95).

A traição entre os casais é determinante no convívio entre alguns moradores da favela. Além da violência contra a mulher e casos explícitos de pedofilia. A associação do gênero e o sexo, Soihet (2012, p. 368) defende que,

Quanto àquelas dos segmentos mais baixos, mestiças, negras e mesmo brancas, viviam menos protegidas e sujeitas à exploração sexual. Suas relações tendiam a se desenvolver dentro de um outro padrão de moralidade que, relacionado principalmente às dificuldades econômicas e de raça, contrapunha-se ao ideal de castidade. Esse



comportamento, no entanto, não chegava a transformar a maneira pela qual a cultura dominante encarava a questão da virgindade, nem a posição privilegiada do sexo oposto.

Por representarem a classe menos privilegiada e ainda frágil, as mulheres da favela em algumas ocasiões eram submetidas às situações vexatórias e agressivas pelos homens, os quais demonstravam o poder sob o gênero feminino e *falsamente* dependente deles.

O senhor Alexandre começou a bater na sua esposa. A Dona Rosa interviu. Ele dava ponta-pé nos filhos.” (JESUS, 1995, p. 85).
“... Fui na Chica. Ela disse-me que o Policarpo veio brigar com a esposa porque ela deu parte dele no juiz.” (JESUS, 1995, p. 104).

Há a denúncia comovente e bem colocada por Carolina quanto à pedofilia, ato este muitas vezes ocultado pela sociedade, seja ela dos miseráveis ou dos abastados economicamente.

... Nós éramos sete pessoas no carro. Condoeu-me ver uma jovem que nos acompanhava. Ela disse-me que faz um ano que sua mãe faleceu. Que seu pai lhe dirige uns olhares que lhe apavora. E que ela tem medo de ficar com ele em casa. (JESUS, 1995, p. 109).

A autora Carolina Maria de Jesus recorre ao gênero autobiográfico para abordar questões jamais expostas e, então, experienciadas por sujeitos marginalizados e oprimidos. Num momento em que o país vivia pelos ditames do governo e ainda, combatido pela comunicação de massa, Audálio Dantas se interessou em tornar pública a denúncia da vida de indivíduos que se contrastava com a modernidade do governo de Juscelino Kubistchek.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Carolina lutou contra o preconceito e por sobrevivência, denunciando as desigualdades em todos os sentidos raciais, sociais e econômicos, com seu diário ultrapassou assuntos que até a sua revelação eram desconsiderados por uma parcela significativa da sociedade, principalmente, intelectual, que não admitia a inserção da escritora favelada no contexto literário e cultural. No entanto, em toda a sua obra torna-se evidente sua predileção pelo ato de ler, o contato com a escrita e o livro, seu posicionamento acerca dos aspectos políticos, históricos, sociais e literários.

Embora a autora do Quarto de Despejo convivesse com toda a diversidade de sujeitos e situações que corrompem os indivíduos, ela não se deixa influenciar por atitudes, as quais poderiam levá-la além do depósito de “lixo”. A escritora possuía sensibilidade e era incisiva, a



delegada dos fragilizados e injustiçados, a mãe carinhosa e responsável, a vizinha solidária, a mulher intelectual e dinâmica.

Em seu diário, Carolina de modo subjetivo constrói a coletividade, e da individualidade de sua vivência no Canindé, ela transporta este lugar para a exterioridade. Além de fazer do corpo o instrumento e infraestrutura para a fundamentação de construção de consciência no mundo e de sujeito neste mundo.

Após a publicação de o Quarto de Despejo, Carolina realizou o que sonhara, o sucesso do livro, a casa de alvenaria, o reconhecimento em ser uma escritora negra, porém, a sociedade brasileira não estava habituada em suportar e ingerir por muito tempo a realidade de um país que não é romantizado como nos clássicos, há um outro lugar em que há o sofrimento social, que acarreta uma lacuna enorme de desigualdades.

Muitos editores não estavam preparados em aceitarem uma mulher negra e pobre tendo autonomia em escrever aquilo que muitos não tiveram coragem em escancarar, em reclamar o direito à vida, às melhores condições de igualdade e de liberdade.

Carolina foi o avesso do seu tempo, veio de modo a revolucionar o movimento literário e da escrita, pois ela descrevia seu passado, o presente e o futuro, assim como trazia um modo de escrever que levava à reflexão e afetava a todos, visto que eram evidenciados diversos aspectos como as condições sociais e econômicas impostas à população negra e periférica do Brasil desde a “Abolição” da escravatura, esta que não representou a liberdade plena das pessoas negras que foram colocadas à própria sorte e à margem da sociedade, sem direitos a nenhuma política pública que compensasse os três séculos de regime escravocrata a que foram submetidos. Certamente, Carolina vive em cada mulher negra, pobre e periférica que expõe a dor e o sofrimento por meio da escrita ou da expressão oral. Carolina vive!

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CAVALCANTE, Ilane Ferreira. **A vida feminina nos anos de chumbo**: representações Femininas no Brasil nos anos 60 e 70. QUIPUS Revista Científica das Escolas de Comunicação e Arte e Educação, Ano 1, nº 1, dez. 2011 / maio 2012.

FORTUNA, Daniele Ribeiro. **Corpos sem Lugar**: Os diários de Carolina Maria de Jesus. E-sen Revista do Curso de Letras da Uniabeu, Nilópolis, v.7, n.1, janeiro-abril, 2016.



FIALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. 11 ed. DP&A, 2006.

JESUS, Carolina Maria. **Quarto de Despejo**: diário de uma favelada. 4.ed. São Paulo: Ática, 1995.

MELO, Hildete Pereira de. **Gênero e Pobreza no Brasil**. Brasília: CEPAL, 2005.

OSTERMANN, Ana Cristina; FONTANA, Beatriz (orgs.). **Linguagem, Gênero e Sexualidade**: clássicos traduzidos. São Paulo: Parábola, 2010.

PINSKY, Carla Bassanezi. Mulheres dos Anos Dourados. PRIORE, MARY DEL; PINSKY, Carla Bassanezi. (Orgs.). **História das Mulheres no Brasil**. 10 ed., 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2012.

SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. PRIORE, MARY DEL; (org.) PINSKY, Carla Bassanezi. In. **História das Mulheres no Brasil**. 10 ed., 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2012.

SOUSA, Germana Henriques Pereira de. **Carolina Maria de Jesus**: escrita íntima e narrativa da vida. Disponível em:
http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/9169/1/CAPITULO_MemoriaAutobiografiaDiario.pdf Acesso em: out 2013.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. PRIORE, MARY DEL; (org.) PINSKY, Carla Bassanezi. In. **História das Mulheres no Brasil**. 10 ed., 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2012.

Enviado em: 22/05/2022
Aprovado em: 17/08/2022